

# ESTRUTURAÇÃO DO CONTEÚDO TEMÁTICO: DA ATIVIDADE AO TEXTO

CAMILE TANTO

(Centro de Linguística de Universidade Nova de Lisboa)

NOÉMIA JORGE

(Centro de Linguística de Universidade Nova de Lisboa /  
Fundação para a Ciência e Tecnologia)

*ABSTRACT: The thematic content, for the socio-discursive interactionism framework, is the information explicitly presented in the text (Bronckart, 1997). The main goal of this study is to analyse the text “As bodas de Caná”, from John’s gospel, with the aim of identifying to what extent in the structuring of the thematic content contributes to identification of the themes of the text. We decided on a descendent approach that articulates the activities in which the texts are produced, the genres adopted and the texts themselves. We made this decision because we are convinced that the thematic dimension isn’t restricted to the text, but reflects and is the reflection of the activity and of the genre adopted by the text.*

*KEYWORDS: thematic content; text genre; biblical texts; socio-discursive interactionism*

## 1. Introdução

Neste trabalho pretendemos analisar a forma como o *conteúdo temático* é estruturado textualmente, na perspetiva do quadro teórico do interacionismo sociodiscursivo (ISD). Pretendemos, ainda, constatar até que ponto a análise da estruturação do conteúdo temático contribui para a identificação do(s) tema(s) abordado(s) no texto.

Para isso, numa primeira fase, apresentaremos a noção de conteúdo temático de acordo com a perspetiva de Bronckart (1997), focando os mecanismos de textualização (conexão, coesão nominal e coesão verbal) que marcam a estruturação do conteúdo temático ao longo do texto e refletindo sobre a forma como estes mecanismos evidenciam a coerência temática de um texto. Num segundo momento, analisaremos o texto “As bodas de Caná”,

incidindo especificamente na forma como o conteúdo temático do texto se encontra estruturado ao nível da superfície textual. Por privilegiarmos uma via de abordagem descendente – que articula a(s) atividade(s) em que os textos são produzidos, os géneros por eles adoptados e os próprios textos – e por ser nossa convicção que a dimensão temática não se restringe ao texto, mas, ao invés, reflete e é reflexo da atividade e do género textual a que o texto se reporta – iniciaremos a análise com algumas considerações acerca da atividade em que o texto circula (atividade religiosa) e acerca do género por ele adotado (evangelho); de seguida, faremos a análise do texto propriamente dito, centrando-nos nos mecanismos de conexão e de coesão (nominal e verbal) que asseguram a coerência temática do texto.

## 2. *Conteúdo temático e mecanismos de textualização*

Bronckart (1997) define o *conteúdo temático* como o conjunto de informações que são explicitamente apresentadas num texto; ainda que não se detenha especificamente sobre esta noção, o modelo de arquitectura textual proposto pelo autor não deixa de ter em conta a dimensão temática – com efeito, para Bronckart, uma das componentes da infraestrutura geral do texto (primeiro nível) é precisamente a dimensão temática e a sua organização. A configuração do tema relaciona-se com os universos semânticos mobilizados e com as condições de seu desdobramento em séries isotópicas de semas, bem como as formas de planificação, que articulam o conjunto dos universos semânticos convocados (Bronckart, 2009:12-13).

As operações que visam a coerência temática do texto situam-se a um segundo nível, estando associadas a processos de coesão e conexão. A este nível, os mecanismos de textualização assumem uma função de charneira, na medida em que contribuem para marcar ou a tornar mais aparente a estruturação do conteúdo temático em diversos níveis (Bronckart 1997:120). De facto, ao explicitarem articulações (de ordem hierárquica, lógica, temporal...), os mecanismos de textualização contribuem para o estabelecimento da coerência temática, ou seja, para a inteligibilidade da organização e da progressão dos diversos elementos de ‘conteúdo’ que podem ser expressos ao longo do texto<sup>1</sup>. O **Quadro 1** apresenta uma síntese dos vários tipos de mecanismos de textualização previstos pelo autor, bem como os respetivos efeitos e funções.

Contribuindo para a marcação de articulações ao nível da progressão temática, os mecanismos de conexão assinalam os diferentes níveis de articulação do plano geral do texto (ou seja, da organização linear do conjunto do

---

<sup>1</sup> Para Bronckart a noção de coerência – entendida como propriedade de unicidade e inteligibilidade – releva de duas vertentes: coerência temática (relacionada com os mecanismos de textualização) e a coerência interativa ou pragmática (referente aos mecanismos de responsabilidade enunciativa).

conteúdo temático semiotizado); tais mecanismos são realizados, por exemplo, por organizadores textuais e/ou conectores, com valor temporal, lógico-argumentativo e espacial. Os mecanismos de coesão nominal, por seu turno, assumem, como função, a introdução de novas unidades de significação (temas, personagens), bem como a respetiva retoma – consequentemente, têm um efeito de continuidade e estabilidade temática; são exemplos desse tipo de mecanismos as séries anafóricas (anáforas pronominais, anáforas nominais). Por fim, os mecanismos de coesão verbal asseguram a organização temporal e ou hierárquica dos processos, produzindo um efeito de progressão/evolução temática; os tempos dos verbos e outras unidades com valor temporal (advérbios, organizadores textuais) são mecanismos dessa ordem.

<b>Tipo de mecanismos</b>	<b>Efeito</b>	<b>Função</b>
Mecanismos de co-nexão	Progressão temática	Assinalam os diferentes níveis de articulação do plano de texto
Mecanismos de coesão nominal	Continuidade e estabilidade temática	Introduzem e retomam novas unidades de significação
Mecanismos de coesão verbal	Progressão temática	Asseguram a organização temporal e/ou hierárquica dos processos (estados, acontecimentos, ções)

Quadro 1: Mecanismos de textualização e estruturação do conteúdo temático (adaptado de Bronckart 1997, 122-130; 263-316)

### 3. Análise do texto “As bodas de Caná”

Propomo-nos, nesta secção, a analisar a forma como o conteúdo temático é estruturado no texto “As bodas de Caná”, de acordo com os pressupostos teórico-conceptuais acima apresentados. A escolha deste episódio (em detrimento de outros episódios bíblicos) justifica-se pelo facto de nele ser abordada a temática do vinho – e de essa mesma temática assumir, no texto em questão, uma dimensão metafórica.

#### As bodas de Caná

**2** <sup>1</sup>Dois dias depois houve um casamento em Caná da Galileia. A mãe de Jesus estava lá. <sup>2</sup>Jesus e os seus discípulos também foram convidados. <sup>3</sup>A certa altura da boda faltou o vinho. Então a mãe de Jesus disse-lhe: “Já não têm vinho!” <sup>4</sup>Jesus respondeu: “E que temos nós a ver com isso? A minha hora ainda não chegou.

<sup>5</sup>Ela então disse aos criados de mesa: “Façam tudo o que ele lhes disser.”

<sup>6</sup>Havia ali seis vasilhas das que os judeus utilizavam para as suas cerimónias de purificação. Cada uma levava uns cem litros de água. <sup>7</sup>Jesus disse aos criados: “Encham de águas essas vasilhas.” Eles encheram-nas até acima. <sup>8</sup>Depois disse-lhes: “Tirem agora um pouco e levem ao chefe de mesa

para ele provar.” Eles assim fizeram. <sup>9</sup>O chefe de mesa provou a água transformada em vinho. Não sabia o que tinha acontecido, pois só os criados é que estavam ao corrente do facto. Mandou então chamar o noivo <sup>10</sup>e disse-lhe: “É costume nas bodas servir primeiro o vinho melhor e só depois de os criados terem bebido bem é que se serve o pior. Mas tu guardaste o melhor até agora!”

<sup>11</sup>Deste modo em Caná da Galileia, Jesus realizou o seu primeiro milagre. Assim mostrou o seu poder divino e os seus discípulos acreditaram nele.

Jo. 2:1-11

O excerto selecionado é parte do segundo capítulo do evangelho segundo João e foi delimitado em função do conteúdo do episódio. Relembrar que, nas versões originais das *Escrituras*, não se verifica nem a divisão de capítulos e versículos nem a ocorrência de títulos para os episódios narrados. Tais detalhes são fruto do trabalho de edição do texto<sup>2</sup>.

### 3.1. Atividade religiosa

O ser humano está, desde que nasce, imerso num meio já constituído que o influencia, mas que também é transformado por ele através do seu agir individual. É na interação com o meio em que está inserido – interação essa que se realiza sobretudo por meio da linguagem – que o indivíduo apre(e)nde as significações sócio-históricas que possibilitam a sua atuação em determinada prática social.

Nesta perspetiva, a linguagem constitui uma característica da atividade social humana, cuja função principal é de ordem comunicativa ou pragmática. A linguagem – ou, nas palavras de Bronckart, 1997 – as atividades de linguagem, asseguram a intercompreensão entre os membros de uma comunidade verbal e permitem que o homem aja socialmente. Logo, a linguagem não pode ser entendida exclusivamente como um meio de expressão de processos estritamente psicológicos (percepção, cognição, sentimentos, emoções) – ela é também um instrumento fundador e organizador desses processos (Bronckart, 2005). Cada atividade de linguagem produz géneros textuais próprios (entendidos como “modelos” comunicativos abstratos, socialmente indexados e partilhados por uma dada comunidade sociodiscursiva) ou recorre, sob a forma de empréstimo, a géneros advindos de outras atividades, adaptando-os aos seus fins mais específicos e adequando-os à medida da necessidade da ação comunicativa.

O foco deste trabalho é especificamente a atividade religiosa, enquanto formação sóciodiscursiva que faz parte da prática social de milhares de pessoas e, conseqüentemente, produz diferentes géneros de texto. De acordo

---

<sup>2</sup> A numeração dos capítulos é feita com o número correspondente em destaque, numa fonte maior do que o restante do texto; a dos versículos encontra-se sobscrita ao texto. Os títulos que antecedem alguns episódios podem variar consoante a tradução da Bíblia.

com as investigações de Tanto (2010a, 2010b), a atividade religiosa apresenta características muito peculiares, que valerá a pena destacar, ainda que sumariamente:

- a *ambivalência entre a tradição e a inovação* – na atividade religiosa esta ambivalência pode ser verificada tanto no uso de gêneros tradicionalmente instituídos, tais como a *missa*, a *oração*, os *salmos*, como no uso de gêneros novos, fruto do desenvolvimento da atividade e do desenvolvimento tecnológico. A título de exemplo, podemos citar os *cânticos religiosos* que desempenham, contemporaneamente, a função litúrgica que outrora pertencia aos salmos (Tanto, 2009); os *e-mails* de missionários às respectivas igrejas / agências missionárias; ou ainda gêneros que, apesar de serem originários de outras atividades, foram adaptados à atividade religiosa para comunicar princípios bíblicos (e.g. *cartoon*);
- a *evolução da atividade e a renovação dos gêneros* – como foi referido, os cânticos religiosos assumiram, ao longo do tempo, a função litúrgica desempenhada pelos salmos. Estes, por sua vez, arrogaram um papel mais instrutivo. Constata-se, assim, a evolução da atividade e a consequente renovação dos gêneros (evolução verificada no surgimento de novos gêneros e na renovação da função dos gêneros já existentes);
- a *manutenção da atividade independentemente da produtividade dos gêneros* – os salmos, por exemplo, continuam a circular no meio religioso, sendo alvo de leitura e de fonte de inspiração para sermões e cânticos, mas não apresentam produtividade contemporânea, *i.e.*, não originam novos textos empíricos;
- o *reconhecimento das autoridades eclesiásticas* – a necessidade da ação direta das autoridades eclesiásticas sobre a determinação da autenticidade e da autoridade dos textos bíblicos leva-nos a considerar que esses gêneros requerem não só a aceitação da comunidade verbal, mas também (e principalmente) o reconhecimento das autoridades eclesiásticas que lhes conferem valor.

### 3.2. Género textual *evangelho*

De entre os muitos gêneros que integram a atividade religiosa e que podem constituir objetos de análise linguística, centramos a nossa atenção no *evangelho*, um género bíblico<sup>3</sup>. Antes de passar à discussão acerca do *evangelho* como género textual, apresentaremos brevemente o panorama geral de

---

<sup>3</sup> Os textos bíblicos mais antigos (os livros do Velho Testamento), seja por tradição oral ou escrita, sobrevivem no meio religioso há mais de 3500 anos. A estes vieram acrescentar-se posteriormente os livros que compõem o Novo Testamento, incorporado às Escrituras nos primeiros séculos da era cristã. A aceitação desses escritos como textos bíblicos dá-se por meio de concílios eclesiásticos que estabelecem os critérios que definem o *cânone*.

produção da Bíblia, a fim de dar a conhecer o contexto no qual o evangelho está inserido.

A Bíblia foi escrita por mais de 40 autores diferentes, sendo composta por 66 livros e estando dividida em duas partes: o Velho Testamento (composto por 39 livros, escritos originalmente em hebraico e aramaico, compreendendo cerca de 4000 anos de história – 4000-460 a. C) e o Novo Testamento (composto por 27 livros, escrito em grego *koiné* com alguma influência do hebraico e do aramaico e compreende cerca de 100 anos de história – 0-100 d. C.).

Os géneros bíblicos são diversos, facto que, em termos de etiquetagem, tem gerado alguma tensão entre a ratificação da teoria e a sua inadequação/insuficiência. A classificação mais ou menos consensual utilizada não apresenta uma definição clara de critérios, oscilando-se entre critérios como a temática abordada (e.g. *Evangelho*), o género textual (e.g. *Salmos*, *1 e 2 Coríntios*, *Malaquias*) ou a “natureza literária” (e.g. *Génese*, *Êxodo*, *Levítico*).

Relativamente ao género *evangelho*, o critério de etiquetagem parece ser de ordem temática. Etimologicamente, *evangelho* designava, na literatura clássica, a recompensa dada pela entrega de boas notícias; a partir do Novo Testamento e da primitiva literatura cristã, a palavra passou a referir as próprias *boas novas*, que, segundo a tradição cristã, são a mensagem de Deus, em Jesus Cristo (Douglas, 1995:566). Em fins do século I e início do século II, verifica-se a tentativa de etiquetar os textos de Mateus, Marcos, Lucas e João. A primeira classificação deve-se a Justino, que empregou a expressão *evangelho* para designar como obra literária essa coletânea de 4 livros acerca da vida de Jesus (Carson, Moo & Morris, 1997).

Carson, Moo & Morris (1997), na obra *Introdução ao Novo Testamento*, apresentam os *evangelhos* numa perspetiva literária e relevam a importância da determinação do género (literário) na interpretação de um texto.

Essa é uma questão importante para o leitor dos evangelhos, porque uma interpretação exata depende, até certo ponto, da determinação precisa do género. [...] a caminhada de Jesus sobre as águas significará uma coisa para o leitor que interpreta os evangelhos como história real e algo bem diferente para o leitor que está convicto de que está lendo um mito ou um *midrash*.<sup>4</sup>

Carson, Moo & Morris (1997:53)

Os autores destacam que, na modernidade, alguns estudos excluem a possibilidade de os *evangelhos* serem obras literárias e classificam-nos como literatura popular (cf. Schmidt *apud* Carson, Moo & Morris, 1997:53). Fee e Stuart (1999:123-124) defendem que o *evangelho* é um género que abriga várias formas: narrativa, parábola, metáforas, símiles. A teoria literária sugere que o *evangelho* seja uma *biografia greco-romana* (Ferreira, 2007)

<sup>4</sup> Midrash: exposição didática ou homilética (Douglas, 1995:1561).

ou ainda que sejam decorrentes da aretologia, ou do *bios* ou ainda de um *arquétipo judaico* (cf. Kermode, 1997, *apud* Alter & Kermode, 1997:404)<sup>5</sup>. Sem menosprezar a importância da discussão, Carson, Moo & Morris (1997) concluem que

De um modo ou de outro, será importante reconhecer que não se pode simplesmente forçar os evangelhos a se enquadrarem dentro dos limites de um gênero existente. A singularidade da Pessoa de que tratam levou os evangelistas a criarem uma forma literária sem um claro paralelo.<sup>6</sup>

Carson, Moo & Morris (1997: 55)

A partir dos dados acima apresentados, Tanto (2010b) identifica os seguintes parâmetros do gênero *evangelho*:

- o gênero é exclusivo da atividade religiosa;
- a identificação do produtor textual não é textualmente referida ou explícita, mas pode ser inferida a partir da interpretação do texto, devendo ser atribuída a um apóstolo (testemunha ocular dos factos narrados) ou a alguém muito próximo dos apóstolos que seguiram Jesus;
- a fé é um sentimento inerente ao processo de produção e de recepção-interpretção do gênero (relacionando-se com o processo de verificação da canonicidade, realizado pelas autoridades eclesiásticas);
- o tema central é a vida e a obra de Jesus Cristo, como Filho de Deus.

### 3.3. Texto Evangelho segundo João

#### 3.3.1. Contexto de produção

Tal como acontece com os restantes textos pertencentes ao mesmo gênero, também o Evangelho segundo João foi escrito no âmbito da atividade religiosa. João, o autor do Evangelho, foi discípulo de Jesus, tendo escrito este texto entre os anos de 80-95 d.C., com o objetivo de provar aos novos cristãos de origem não judaica que Jesus Cristo, homem, era o filho de Deus. O público alvo desse texto estava a viver um conflito entre a fé e a filosofia, porque naquela altura havia uma grande influência do pensamento agnóstico desenvolvido por Querinto – João escreveu o evangelho, portanto, para responder aos questionamentos dos novos convertidos e combater a doutrina de Querinto. No Quadro 2 sintetizamos os aspetos acima referidos:

<sup>5</sup> *bios*: biografia de grandes homens em geral (Kermode, 1997 *apud* Alter e Kermode, 1997: 404).

<sup>6</sup> Fee e Stuart (1999: 98) ratificam essa afirmação, ao assumirem que “os quatro evangelhos formam um gênero literário sem igual”. Essas conclusões parecem relevantes para a discussão da teoria (do texto), porque permitem questionar a universalidade da afirmação de Bronckart (1997) de que todo texto recorre a um gênero que adota e adapta consoante a situação de comunicação.

Autor	João, apóstolo
Assunto	Revelação de Deus por meio de Jesus Cristo
Público-alvo	Seguidores não-judeus de Jesus
Objetivos	1) Apresentar Jesus como o messias, o Filho de Deus 2) Corrigir a escatologia da igreja 3) Combater o gnosticismo
Data de produção	Provavelmente entre 80 e 95 d.C.
Local de produção	Provavelmente Éfeso, atual Turquia

Quadro 2 – Contexto de produção do *Evangelho segundo João*  
(adaptado de Douglas, 1995:898)

Outro aspeto a considerar é que João, como discípulo de Jesus, provavelmente esteve presente no casamento referido no texto “As bodas de Caná” e, considerando a época em que foi escrito o livro (entre 50 e 65 anos após a morte e ressurreição de Cristo), havia ainda testemunhas oculares dos acontecimentos narrados no *evangelho* – facto que reforçaria a autoridade/veracidade dos eventos narrados no episódio.

Como veremos de seguida, o contexto de produção do Evangelho segundo João (e, em última análise, o género adotado pelo texto e a atividade em que este circula) influencia a arquitetura textual do episódio “As bodas de Caná”, tendo repercussões ao nível da estruturação do conteúdo temático.

### 3.3.2. Arquitetura textual – Estruturação do conteúdo temático

Na ótica do ISD, o conteúdo temático é, como já referimos, o conjunto de informações disponibilizadas ao longo do texto. Recorrendo a um processo interpretativo, é possível resumir/parafrasear esse conjunto de informações – delimitando-as em blocos temáticos (BT) – e de, assim, identificar o conteúdo temático do texto, dando conta do respetivo plano:

- BT1 – Houve um casamento em Caná da Galileia, em que Jesus esteve presente.
- BT2 – Durante o casamento, faltou o vinho.
- BT3 – Jesus transformou água em vinho.
- BT4 – Este foi o primeiro milagre de Jesus.

Através do mesmo processo interpretativo, é possível condensar o conteúdo temático nos seguintes termos:

- CT – Transformação da água em vinho, por Jesus ou
- CT – Primeiro milagre de Jesus

Importa agora identificar as unidades linguísticas que permitem marcar esse plano textual, ou, pelo menos, torná-lo evidente.

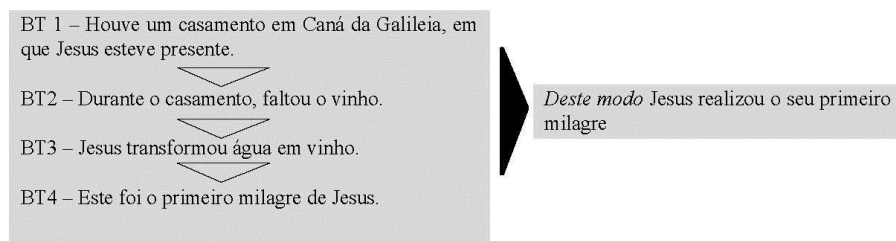
A um nível macroestrutural, o modo de planificação do conteúdo temático é feito em torno de duas unidades de análise complementares:



- a narração<sup>7</sup> é marcada, *grosso modo*, pela exploração do pretérito perfeito simples (*houve, faltou, disse...*) e do pretérito imperfeito (*estava, havia, levava...*) e pela presença de organizadores temporais (*dois dias depois, a certa altura, então...*);
- a sequência narrativa<sup>8</sup> é sinalizada pela presença das várias fases que constituem uma sequência de eventos orientados para um desfecho: situação inicial (BT1), complicação (BT2), ações (BT3), situação final/moral (BT4).

Os **mecanismos de conexão** são assegurados sobretudo pelos organizadores textuais que evidenciam, como já referimos, articulações de progressão temática. Relativamente ao texto em análise, esses organizadores articulam as várias fases da sequência narrativa, contribuindo para a progressão temática do texto.

Com efeito, a situação inicial (BT1) é introduzida por dois organizadores textuais cuja função é estabelecer as coordenadas espaciais (*em Caná da Galileia*) e temporais (*Dois dias depois*) em que a ação se desenrolará – a função da expressão *Dois dias depois* não se restringe, no entanto, à dimensão intratextual (se considerarmos o episódio como unidade textual autónoma) – assistindo-lhe ainda uma função de conexão intertextual com o episódio imediatamente anterior. A articulação entre a complicação (BT2) e ação (BT3) é feita por meio do conector *Então*, cujo valor é simultaneamente temporal e lógico-argumentativo, na medida em que marca uma relação de causa>efeito; a situação final é introduzida pelo organizador textual *Deste modo*, que, pelo processo anafórico e resumativo que lhe subjaz, estabelece uma relação de articulação com os três BT que, sequencialmente, o antecedem (e não apenas com o BT anterior). É, aliás, esta função anafórica e resumativa do conector textual *Deste modo* que torna possível que o conteúdo temático do texto possa ser sintetizado como o primeiro milagre de Jesus:



Os **mecanismos de coesão nominal** contribuem, como já referimos, para a coerência temática, na medida em que, devido às relações de co-referência

<sup>7</sup> Entendida, na ótica de Bronckart (1997), como tipo de discurso (concebido enquanto atitude de locução).

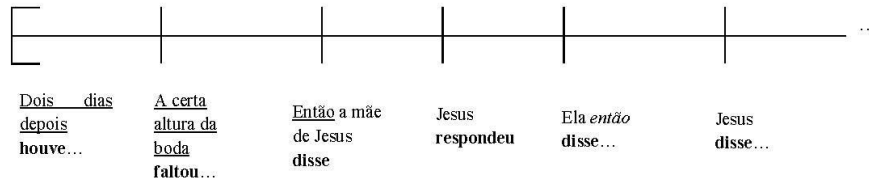
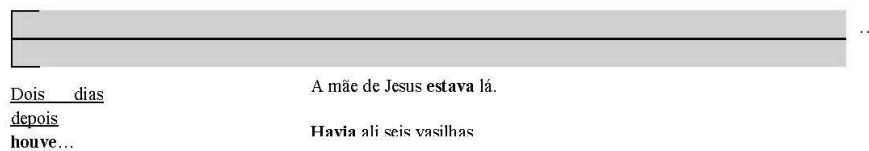
<sup>8</sup> Considerada, segundo Adam (1992) como uma unidade de textualização em que se apresenta uma cadeia de eventos com vista a um desenlace.

que estabelecem, introduzem e retomam através de anáforas nominais (idênticas, distintas em termos lexicais ou distintas no plano das marcas de determinação) e/ou pronominais novas unidades de significação ao longo do texto. No texto em análise – de carácter narrativo – há várias cadeias de referência anafórica; valerá a pena destacar aquela que nos parece mais influente em termos macroestruturais e que diz respeito ao protagonista da ação (Jesus). O nome Jesus é insistentemente retomado por meio da repetição (*Jesus e os seus discípulos também foram convidados; Jesus respondeu; Jesus disse aos criados; Jesus disse-lhes; Jesus realizou o seu primeiro milagre*), preterindo-se assim um mecanismo de coesão menos marcado, mas mais previsível – a anáfora pronominal. Com efeito a anáfora pronominal só ocorre com o antecedente Jesus em frases em que este nome já está presente (*Jesus e os seus discípulos também foram convidados*”; “*Então a mãe de Jesus disse-lhe*). As sucessivas repetições do nome, neste texto, não são entendidas como subversão gramatical, mas como fator de coesão nominal associado a um dos parâmetros do género identificados em 3.2.: o tema central do género é a vida e a obra de Jesus. A centralidade desta temática no texto em análise é ainda visível no anonimato das restantes personagens (criados, chefe de mesa, noivo) e na perspectiva com que as restantes personagens são apresentadas (*mãe de Jesus, seus [de Jesus] discípulos*).

Finalmente, os **mecanismos de coesão verbal** asseguram a organização temporal verbalizada ao longo do texto. Atualizando a ordem do narrar, a evolução do conteúdo temático deste texto é indissociável da organização da própria temporalidade do conteúdo temático narrado – temporalidade essa que é marcada, sobretudo, pelo recurso ao pretérito perfeito simples e ao pretérito imperfeito e por organizadores textuais com valor temporal. Verifica-se assim, que a presença de uma origem temporal autónoma relativamente ao momento da enunciação (*Dois dias depois*)<sup>9</sup>, que dá início a um eixo de referência temporal que marca o processo narrativo, constituído por dois planos distintos:

---

<sup>9</sup> Ainda que seja autónoma em relação ao momento da enunciação, o organizador textual *Dois dias depois* encontra-se na sequência de um eixo temporal anterior ao episódio narrado (baptismo de Jesus).

**Primeiro plano****Plano de fundo**

O plano de fundo (marcado pelo pretérito imperfeito) e o primeiro plano (marcado pelo pretérito perfeito simples) estabelecem entre si uma relação de contraste global, que contribui, também ela para a evolução do conteúdo temático. Os acontecimentos narrados com recurso ao pretérito imperfeito, por terem um efeito de continuidade, conferem ao texto continuidade e estabilidade temática; os acontecimentos narrados com recurso ao pretérito perfeito simples proporcionam a evolução/progressão do conteúdo temático.

#### 4. Considerações finais

Do exposto se poderá concluir que os mecanismos de textualização presentes no texto “As bodas de Caná” marcam efetivamente a estruturação temática do texto a que dizem respeito, estruturação essa que se baseia na narração (imbricada com uma sequencialidade de tipo narrativo) de um episódio da vida de Cristo. Assim, a progressão temática é sinalizada sobretudo por mecanismos de conexão que articulam (estabelecendo em simultâneo relações de segmentação e de ligação) as várias fases da sequência narrativa (situação inicial, complicação, ação/peripécias, situação final/moral) e por mecanismos de coesão verbal, que asseguram a organização temporal narrativa; por seu turno, a estabilidade/continuidade temática é marcada por mecanismos de coesão nominal, dos quais se destaca a repetição do nome do protagonista da ação (Jesus).

Serão estes mecanismos suficientes para dar conta também do próprio conteúdo temático do texto? Parece-nos que não – por explicar ficam ainda o(s) processo(s) interpretativo(s) que conduz(em) à identificação do(s) tema(s) do texto. Ainda assim, os instrumentos e a metodologia de análise disponibilizados pelo ISD parecem-nos de inequívoca utilidade no âmbito do estudo de questões de tematicidade. De facto, no concernente ao texto em análise, através de um processo interpretativo inferencial condicionado quer

pelo conhecimento da atividade religiosa, do género evangelho e do contexto de produção do *Evangelho segundo João*, quer pela análise da estruturação temática do texto propriamente dito, é legítimo afirmar que o tema do texto não se restringe à transformação da água em vinho por Jesus. Um crente, inserido na comunidade sociodiscursiva em que o texto circula, poderá considerar que o milagre da transformação da água em vinho tematizado no texto “As bodas de Caná” simboliza o início do ministério público de Cristo. E, numa análise mais acurada, verificar que Jesus, ao agir contra a prática social da sua época (servir o melhor vinho primeiro) aponta metaforicamente para a revelação do que seria o seu ministério. Ao contrário de Moisés, cujo primeiro sinal fora a transformação da água em sangue (e.g. 7:20), como manifestação do julgamento divino, Jesus transformou a água em vinho para revelar uma nova ordem mais excelente trazida por ele, a graça de Deus (Keener, 2004; Wiersbe, 2006).

## Referências

- Adam, Jean-Michel (1992). *Les textes: types et prototypes. Récit, description, argumentation, explication et dialogue*. Paris: Nathan.
- Alter, Robert & Frank Kermode (org.) (1997). *Guia literário da Bíblia*. São Paulo: UNESP.
- Bronckart, Jean-Paul (2009). Le langage au coeur du fonctionnement humain. Un essai d'integration des apports de Voloshinov, Vygotski et Saussure. *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, 3. Lisboa: Edições Colibri/CLUNL, pp. 31-62
- Bronckart, Jean-Paul (2005). Os gêneros de texto e os tipos de discursos como formatos das interações de desenvolvimento. In: Menendez, Fernanda (Org.). *Análise do discurso*. Lisboa: Hugin, pp. 39-79.
- Bronckart, Jean-Paul (1997). *Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionisme sociodiscursif*. Paris: Delachaux et Niestlé.
- Carson, Donald Arthur; Moo, Douglas & Leon Morris. 1997. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova.
- Coutinho, Maria Antónia (2006). *O texto como objecto empírico: consequências e desafios para a linguística*. Veredas 10 (1-2). [http://www.revistaveredas.ufjf.br/volumes/veredas\\_portugal/artigo07.pdf](http://www.revistaveredas.ufjf.br/volumes/veredas_portugal/artigo07.pdf) (acesso a 23 de julho de 2009)
- Douglas, James Dixon (org. e ed.) (1995). *O Novo Dicionário da Bíblia*. 2ª Ed. [ed. port., R.P. Shedd; trad. João Bentes]. São Paulo: Vida Nova.
- Fee, Gordon Donald e Douglas Stuart, D. (1997). *Entendes o que lês? Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova.
- Ferreira, João Cesário Leonel (2007). Teoria literária e o Evangelho de Mateus: o papel do género literário e do narrador na economia narrativa. *Ciências da Religião – história e sociedade*, 5(2), pp.10-31. Disponível em: <http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/cr/article/viewFile/484/300> (acesso a 23 de julho de 2009)

- Keener, Craig (2004). *Comentário Bíblico Atos: Novo Testamento*, vol. I. Belo Horizonte: Editora Atos.
- O Novo Testamento e Salmos*. ([1978]1992). Porto: Sociedade Bíblica. [Tradução em português moderno]
- Tanto, Camile M. B. R. (2010a). *Uma proposta sócio-interacionista para o estudo dos textos bíblicos*. Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa.
- Tanto, Camile M. B. R. (2010b). *Os géneros bíblicos à luz do interaccionismo sociodiscursivo*. Comunicação oral apresentada no XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística.
- Tanto, Camile M. B. R. (2009). *Os textos bíblicos como objectos empíricos: consequências e desafios para a linguística*. Comunicação oral apresentada no IV Fórum de Partilha Linguística, Núcleo de Jovens Investigadores do CLUNL, Lisboa, Portugal.
- Wiersbe, Warren Wendel (2006). *Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento*, Vol. 1. Santo André, SP: Geográfica Editora.